

ESTADO DA
PARAHYBA
ANO III

30 DE MARÇO
DE 1892

ESTADO DO PARANÁ

ORGAN REPUBLICANO

Quarta-feira, 30 de Março de 1892
ESCRITORIO E REDACÇÃO RUA DA MISERICORDIA N. 9

ASSIGNATURA

ANNO III

CAPITAL

Mez. 18000
Anno 108000

Folha avulsa 30 rs.

ASSIGNATURA

ESTADOS INTERIORES Semestre 75000
Anno 135000

N. 495

Edições. Unha 100 rs.

ESTADO DO PARANÁ

A politica do governo

É de ódios e de exclusões a triste situação política inaugurada. Neste país, pelos depositarios da victoria de 23 de Novembro ultimo.

O odio foi além das demissões, illogicas, chegou até ao sangue. O exclusivismo traduz-se na systematica denegação da justiça a todos os que não querem commungar as ideias governamentais.

Peior, muito peor, do que as antigas lutas partidarias, é a quadra que neste momento o Brasil inteiro atravessa.

Outra terna gotta de sangue imenso era sufficiente para alarmar os sentimentos patrióticos e humanitarios do nosso povo, que por todos os meios da manifestação publica do pensamento, obrigava o poder publico a decretar providencias a respeito, e dar, da qualquer maneira, uma satisfação a opinião.

Hoje faz-se todos os dias, sem trana de processo, e na mentira alvar-se procura enterrar toda a responsabilidade dos delinquentes. Insulta-se impunemente ao país, cospice-se contra a patria, na impudencia dos criminosos reincidentes e impassíveis. E, depois, apothosá-se o homicidio, e cobre-se de labéos o nome das victimas.

Não ha partidos, ha cousa muito mais nociva aos interesses nacionais.

As parcialidades politicas, quando correspondem à diversidade das opiniões reinantes, impõem-se pela necessidade, que se pode illudir um governo mystificador, vivendo unicamente pela impostura e pela corrupção.

Mesmo exorbitantes, mal definidos, como as velhas e desmoralizadas facções, os partidos são preferíveis, com todas as suas desvantagens, à actual anarchia, fomentada pela propria autoridade suprema do país.

Não desejamos a repetição das paginas da monarchia, a resurreição de seus partidos meramente nominaes, incumbidos do esteril jogo das facções constitucionaes de então.

Queríamos mesmo que a evolução das ideias em nosso meio politico não precisasse d'essa divisão da familia brasileira; que o progresso nacional se realizasse na harmonia intima que cercou a revolução de 15 de Novembro.

As divergencias, embora surdas, mas profundas, nos actos, reclamam a differença das opiniões.

Ha defensores e inimigos da autonomia dos Estados.

O governo do marechal Floriano é o reducto principal dos ultimos.

Para firmar-se no poder, annullando de facto a ideia fundamental da Constituição, tem lançado mão do expediente machavelico da anarchia, foge da luta aberta dos principios, porque conhece que a maioria dos votos, no país, suffraga a opinião federalista.

Em encômias da politica do

governo - a - clamam de harmonia.

Quando as finanças publicas perigam, quando a ordem economica se abysma, quando a irreconcilição dos espiritos accentua-se cada vez mais, quando a subversão se manifesta em todos os nossos elementos sociais, os algos da patria brasileira fallam-nos da harmonia, como a característica da epocha!

Consulto a ironia no incenso da apologia official!

Não! O governo do marechal Peixoto, o homem mais nocivo da nossa historia, o mais rancoroso inimigo do Brasil, não harmonisa, desajusta, para a revolução, anarchista. É um governo que mata a Constituição, é um governo que assassina os brasileiros, não cuncta em pisar a lei, como tem feito os nossos patriotas; é o crime no poder, é o odio impudico, é o executivo, ficando no altar da desconfiança e da traição, os destinos d'esta infeliz patria.

A politica do governo!

Sua harmonia, pelo extorquimento de todos os sentimentos nobres dos povos brasileiros.

AO SAQUE!

OS ARMAZENS PARTICULARES

OS ARMAZENS MUNICIPAES

No *Figaro* de 12 do expirante encontramos um artigo sob a epigraphe "Generos alimenticios" em que o escriptor do *Figaro* depois de passar uma garabato em regra na imprensa que se sabe mentir para fazer opposição systematica e só leva o tempo levantando espantosa grita, sem dizer o que presta, o que se deve fazer, sabe condemnar o que se aventa, dizer o que não presta, só apresenta chiméras como medidas de governo, segue uma missão esteril, sem o minimo proveito, cheia de censuras e negações proprias unicamente para manter o espirito publico em estado de exarcebado, fala de medidas a tomar contra a carestia dos generos, diz que acalmado o coração do país, tudo o mais ha de acalmar-se, porque por muito tempo ainda, a Capital Federal ha de resumir todas as aspirações de toda a nação.

O articulista diz com todo o sangue frio que nada valem as leis, preceitos e regras de economia politica, que isso são logares communs estafados e sedios e que essa situação artificial (sic) que nos assoberba só pode ser combatida artificialmente.

Depois insinua o meio que a intenção tencionia por em pratica (a criação de armazens municipaes) e diz o seguinte:

"O meio, portanto, que a intenção vai tentar, é indispensavel que seja executado quanto antes.

Embora a imprensa viva a condemnar o, certo é que ella até hoje nada aventou de positivo para substituir o, e como elle é o unico nada ha de escolher. Ou elle dará resposta: — e então os louvres á intenção devorará ser infinitos; ou elle nada produzirá: — e então só ha de ver um desastre dous recursos: a DES-PROPRIAÇÃO DOS GENEROS MONOPOLISADOS PELAS GRANDES EMPREZAS OU INCITAMENTO DA POPULAÇÃO AO SAQUE contra os trapiches onde se amontoam quantidades colossaes de mantimentos, arredados propositamente do commercio para fazel-os encarecer."

Não commentamos este topico.

Em sua edição de 15 o mesmo jornal estampou um artigo sob a epigraphe "Carestia de viveres", em que já da como feito o celebre contracto de armazens municipaes, lu-

sis e frisa as ideias anteriormente emitidas com um desassombro de fazer pasmo; si não julgássemos este governo capaz de tudo.

Eis um topico da mais forja do que o primeiro:

"Hontem, mesmo, porém, foi assignado na intendencia o contracto para o estabelecimento dos armazens municipaes. Qual vai ser o exito da medida, não sabemos. Em principio, ella é portamente abefensavel. Mas na pratica não pode deixar de ter extremas difficuldades. Sejam, porém, quaes foram, já dissemos, — o ruptimões, — é necessario affrontal-as. Si ellas não derem resultado algum pela volição de certa parte do commercio, — se houverem, ou a DE-APROPRIAÇÃO SUMMARIADA DOS GRANDES TRAPICHES E ARMAZENS, QUE ESTÃO ABARRATADOS DE GENEROS — monopólio ad osi para o qual já chamamos a attenção — ou então, si tudo o mais fallar, o supremo recurso de desespero: O SAQUE!"

Este meio, porém, está em certos casos, nunca será necessario, porque o governo saberá agir a tempo, em favor do povo. E a elle, entretanto, que presedores de aguas turvas, que juram que a terra é plana, — com sido qulitinos e queiram ser promovidos a latrões e saltadores, — queiram compe-lir os proprietarios, antes de qualquer tentativa pacifica.

A precioso dar e si a seu dono.

E a precioso da ideia do saque não pertence aos jornalistas *galunas* que querem ser promovidos a latrões e saltadores; ella pertence ao governo que com tudo o desplante o manda apregar pelos annos de sua vida.

Que nome tem perante o direito, perante a moral quem aconselha e prega a desappropriação summariada dos grandes trapiches e armazens que estão abarratados de generos?

Que quer dizer desappropriação summariada que este governo manda, desrespeitando a nação e o mundo, aconselhar em seu órgão como meio de obviar á carestia de generos e socorrer ás classes proletarias, sinão furto, latrocinio, rapinagem, saque e roubo?

O articulista indica os trapiches que estão prodigiosamente abarratados de generos de primeira necessidade:

"Trapiche da Orlem — carne secca.

" " Vapor — farinha de trigo e banha.

" " Coração — toucinho e banha.

" " Damião — generos de estiva.

" " Flora — farinha de trigo.

Isto é o cumulo do cynismo, é o maior desfaçatez que jamais se viu governo algum ostentar. Não limitou-se unicamente em pregar a theoria da desappropriação summariada, foi mais longe, completou a obra: indicou os principaes armazens onde em momento dado as turbas desenfreadas e aculadas poderão cevar seus instinctos depredantes.

E' uma vergonha um labéo infamante que ante os olhos da Europa e da America recalhira não sobre o Sr. Floriano, mas sobre toda a nação brasileira que é responsavel perante a civilização e a humanidade por supportar esse ludíbrio.

A criação dos taes armazens municipaes remediará ao probrariado, attenuará a miseria que o esmagava, diminuirá o exorbitante preço dos generos?

O governo não tem que dar satisfação a ninguém de seus actos.

"A intenção precisa, pois, despresando clamores, apressar a solução que vai por em pratica, porque BOA OU MA, ella é a unica que tem sido lembrada."

Absolutismo.

Hoc volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas.

Max como hão de ser creados os taes armazens municipaes? Onde se irão prover de generos de primeira necessidade?

Forçosamente terão de comprar os generos no armazens particulares pelo preço do mercado. Os armazens para favorecer ao publico forneceroão os generos por alguma cousa menos do que o preço do mercado. Bem.

Mis quem pagará a differença? O Theozoro, porque de outro modo não se comprehende e nem é possível a philantropia do governo. Logo, elegamos a um circulo vicioso: o governo para prover os taes armazens gastará o dinheiro do Theozoro, e lançará mais onerosos impostos. E' uma especulação feita em nome do povo que só irá refundar em mais onus ao mesmo povo.

Essa ideia é condemnavel, porque parte de um principio falso e é insustentavel porque é uma aberração das leis economicas.

Atém disso é uma miseravel especulação com a miseria.

Sic é exacto, que foi o contratado o tenente Vinhas como presidente do Banco dos Operarios, ainda mais aploremado e preguiceiro nos cofres se a vida do armazens.

Este Sr. Vinhas tem uma vida politica cheia de historias.

Em 15 de Novembro pela forja das circunstancias elle foi nomeado Director Geral dos Telegraphos e a sua passagem por essa república foi desastrosa para os cofres publicos.

Depois metto-se de amigo dos operarios e tem assignado a vida com essa forja incoficiente e arrapou um Banco de que, em nomeado presidente. Poderá! Quer ser a forja socialista, pagando doutrinas esta-pafudias e exoticas, que absolutamente não se poderão acclamar em nosso povo. Engendra greves e manifestações. Era opposicionista ao governo do marechal Deodoro, mas procurava os deputados governistas e com labias queria que lhe concedessem o privilegio dos taes armazens municipaes, que ha muito tempo aninha em seu cerebro especulador.

Agora chegou o seu tempo. E' a sua ultima desastre para a nação: é uma especulação com a miseria do povo.

A fatalidade d'esta situação que amarga, traga o pruzão é o monopólio dos generos, o cambio a 14, é depreciação dos nossos titulos, é o Banco do Brasil, o mais importante e solidido estabelecimento de credito que temos andal emperrando para saluzar os seus compromissos; é a desorientação e ineptia do governo que ha quasi cinco mezes que governa e nem uma só medida tomou em beneficio da praça.

Essa é que é a verdadeira causa da nossa miseria social. E' a politica tortuosa e antepatriótica do Sr. Floriano desorganizando tudo e agitando os dinheiros publicos em bombachatas politicas de emissarios de sua politica pelas estados.

O dinheiro d'appareceu da circulação, o pouco ouro que havia sumiu-se como por encanto, todos os capitães retrahiram-se.

Triste situação!

GLOSAS

Se não houvesse Aristides era preciso inventalo. Pois neste mundo de meu Deus ha ver algum jornalista que chegue ás barbas d'aquelle Achilles plumbivo? E que valôr que elle é!

Onde o vulgus profanum não mette o hedélho e fica estabelado, bestializado, elle com uma intuição maravilhosa, apatagio dos homens extraordinarios, predestinados, mergulha e traz na bocca, como um *Lava nova*, a pedra philosophal!

O Sr. Aristides, ruminou, ruminou, ruminou, collou a barba, limpou o vidro do pence nest, cogou o ouvido com a caneta, mastigou uma ideia e lançou-a ao mundo que a recebeu religiosamente, como os nossos matutos recebem as cartas da Virgem e de S. Pedro que lhes vem por descuido pelo correio celeste.

Eis o novo credo:

"Achei e acho mesmo estranho que a imprensa se ponha a valento-

na com um governo MANSO, DOCE E pacifico que leva a severidade do seo dever até sahir á rua armado para defesa d'aquelles que atrozmente o aggretem."

Ché, mosra! Que diabo de cabra! Quasi não posso escrever o topico acima por causa do endiabrado diábfo que se me introduziu no nariz.

Serás o filho ou o espirito zombeteiro do Aristides? Vae azucernar o governo.

Qual foi o despeitado anarchista que ja usou dizer que este governo palera! que felizmente nos rege, era um governo bravo, amargoso e valentão?

Força, força, meu senhor, para esses birchantes que commettem crime de lesa magestade duvidando da origem divina do governo, dos attributos inherentes á essa virtude.

Em quanto a tradição da monarchia de gizeo alívio foi respaldado em Franca, os reis tinham o privilegio de curar as alporcas e almorreimas, só com impor as mãos aos pacientes.

Fazei um milagre, não só, e este povo todo acreditará em vos, o governo manso doce e pacifico. Olha, milagre para um! um milagre que saia! Curae o Custodio, curae o Aristides d'aquelle rufinar eterno, Aguillo de curar velleidades de revolta encostando o paciente a um mupro de fortaleza e mettendo-lhe doze bá-las no corpo, matando-o em prisões insalubres onde ha agua infecta cheia de vermes que os corroem em vida e depois atira-o ao mar com uma balé de 48 ao pescocço, é expediente velho, caduco.

Fazei um milagre estupendo, d'aquelles que não tem similitude no *Floresquetor* nem em nenhum dos livros santos.

Pois um governo que é manso como um cordeiro, doce como assucar e pacifico como um boi, e ali qualquer governo de meia tigella, governo legalhe, governo ninguém que se anda sendo chocalhado e bimbalhado por galunos e garotos? E este povo que gosa dos beneficios de um governo sui generis, unico, excepcional que leva a sua abnegação o altruismo ao ponto de sahir á rua armado para defender os seus inimigos; esse povo em vez de prosternar-se, beijar-lhe a bumbria do manto inconstitucional derramar-lhe especiarias nos pés e exxugal-os com os proprios cabellos, como fez Magdalena, passa de longe como quem não faz conta, dá um murchinho e diz com ares de flautista:

"Adus, babão, não te gastó!

Povo, de joelhos! E láveis ouvidos aos pharizeus e incréos que chamavam o governo do perfido, sanguinário e violento!

Depressa, povo, rezamos uma trezena ao governo para desconto de nossos peccados e livrar-nos de pulgas, mosquitos e bichos peçonhentos:

Santo Floriano Floriano manso Doce Floriano Floriano pacifico Aristides e Custodio)

Depois d'esta retratação publica, dicenta a imprensa, dicenta a centu-

ra, ainda quero ver se ha coragem empederido que me negue um logarzinho no seo de Abrahão, isto é do governo que tem á sua direita Asrael o anjo da morte, representado pelo Custodio e a sua sinistra Raphael, o anjo da boa nova, isto é, Aristides e a seis pés os sete choros de hyerarchia celeste cantando dia e noite em harpas eburneas os louvores d'aquelle que era Floriano antes do golpe de estado e Floriano depois do golpe de estado, ficando in *ad eternum* Floriano, Floriano, Floriano.

Tempo feróz devia ser aquelle em que o homem primitivo via-se obrigado a lutar braço a braço com os estranhos animaes ante-diluvianos hoje desaparecidos e que o genio de Cuvier fez resuscitar.

Que vida terrivel devia ser aquella em que o troglodyta, conquistava aos animaes feroces a caverna de que precisava para livrar-se das intempéries do tempo e do ataque de seus inimigos naturais! A imaginação hoje não pode conceber aquellas luctas em que o homem armado de machados grosseiros de sílex, ou que melhor nome tenham tacs instrumentos, dava batalha áquelles monstros.

Ha dias que eu ando matutando n'um caso extraordinario, descoberto e descrito por illustre escriptor; que cada dia ministra — ao nosso avido paladar manjar succulento que fortalece ao espirito e da alegria ao coração.

Illustre viajante que descreve suas impressões de viagem em jornal contemporaneo afirma ter descoberto uma villa que com certeza foi dotem-plo dos troglodytas, da epoca do mammoth e da rema.

Em nossa simpleza suppanhamos que Alagôa Nova era aquella villazinha garrida e alva, banhada de sol, que os viajantes avistamos cá de baixo, da estrada.

Pois, não senhor. Alagoa Nova, tem outra collocação topographica para quem a observa do cimo da Barburana, da cidade de Areia, por exemplo.

Eis o que lemos no Cap. IV de *Uma excursão á cidade de Areia*:

"Lá está para as bandas do sul um bando de alvas garças pousadas na cresta de uma montanha; a Alagôa Nova."

Estou vendo a hora que, ali, ventos sabios do mundo visitar a cidade subterranea. Grandes documentos hão de se encontrar ali que trarão valiosos subsidio para a historia.

Só si foi miragem, illusão de optica. Seu capaz de ir a Areia somente para fazer duas cousas: ver Alagôa Nova na cresta de uma mantanha e... não digo a outra.

ARIATOPHANES.

Acta-se entre nós o nosso prestimoso amigo João Americo de Carvalho.

Comprimental-o.

Depois d'esta retratação publica, dicenta a imprensa, dicenta a centu-

